



Maus tratos de chefe são fatores de risco para o coração?

A Colômbia se tornou o primeiro país do Continente a aprovar uma lei contra os chefes injustos, que tratam mal ou perseguem os funcionários. Eles agora podem ser multados, demitidos, mas segundo o vice-presidente da Socesp, Ari Timerman, o problema do estresse causado pela chefia despreparada ataca mais fundo e é mesmo fator de risco para o coração.

Enquanto para ele o problema tem duas facetas, a do chefe injusto que causa estresse e a do funcionário despreparado, que se estressa porque não se considera à altura da missão que desempenha, a psicóloga Bellkiss Wilma Romano vai ainda mais fundo. Para ela, o problema do estresse do trabalho chega cada vez mais ao consultório do cardiologista e às vezes é difícil descobrir que a origem das queixas e a ansiedade são decorrências do trabalho. Para Timerman, é pior quando o paciente projeta no chefe a parte negativa do seu próprio ser, transfere seus defeitos para a chefia e a odeia, em vez de corrigir o que não gosta de si. “Nesse caso”, diz Timerman, o tratamento precisa ser multidisciplinar e o jeito é pedir ajuda ao psicólogo.

Para Bellkiss Romano, há aspectos psicológicos em todos os fatores de risco para o coração, com exceção do fator genético. Ela ressalva que essa afirmação tem valor temporário. Se o paciente fuma, não basta o médico recomendar que pare de fumar, o ideal é descobrir o porquê da

compulsão de fumar; o mesmo raciocínio cabe para o paciente obeso, por que come tanto, ou por que bebe, pois é mais fácil controlar o alcoolismo a partir do motivo que o causou, como o sedentarismo pode resultar de falta de auto-estima ou de uma insatisfação que leva o paciente a se escarrapachar na poltrona, com pipoca e batata frita à mão.

A maior prova do estresse na profissão é a quantidade de trabalho desse tipo no InCor. Bellkiss ensina que enquanto um desafio que cria um pico hipertensivo é positivo no trabalho, se o funcionário sente que está aquém do desafio, o trabalho passa a ser um obstáculo psicológico e a tensão permanente pode danificar algum órgão. “Cabe ao médico analisar se o extressor é positivo ou negativo em cada caso”, e embora o cardiologista atento possa ajudar o paciente a entender a repercussão física do problema emocional, receitando tranqüilizantes no primeiro momento, dependendo do caso, o psicólogo ou o psiquiatra precisa ajudar.

A mesma visão é a de Ari Timerman que, como chefe da Seção de Emergência e Terapia Intensiva do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, recebe pacientes cuja relação com os padrões envolve certo grau de insatisfação. “É freqüente o chefe acreditar que o subalterno não se esforça o suficiente e o subordinado sentir-se alvo de injustiça”, diz, “mas quando surge conflito, com o chefe perseguindo sistemática ao subordinado ou

quando há assédio sexual, o caso se torna patológico e o Brasil já conta com recursos legais para isso”.

“Cabe ao cardiologista orientar o paciente a tentar reverter a situação, evitando com isso o estresse que é um dos principais fatores de risco para o coração”. Quando o sofrimento é introjetado e o paciente não sabe lidar com ele, esse conflito se torna um “veneno”.

Timerman cita Sartre, que afirma que “a forma de vivermos depende do nosso autoconhecimento e de como nosso ser reflete e é refletido nos outros”. Ele relembra mecanismos para canalizar a agressividade, como a leitura, outras formas de lazer e os esportes. Certas indústrias japonesas têm um boneco simulacro do chefe e que pode ser esmurrado pelo empregado; algumas famílias escocesas têm a “árvore da raiva”, que serve para ser insultada, quando um filho discorda do pai, mas não pode discutir com o ser que considera superior.

“Acredito que o cardiologista tem muito de psicólogo”, diz Timerman; por isso mesmo ele freqüentou durante um ano o curso “De Freud a Lacan” da “Biblioteca Freudiana”. “Eu queria incrementar meu autoconhecimento”, conta, “mas o que aprendi nesse campo tem servido para que eu ajude muitos pacientes”, e para Ari Timerman não há dúvida de que o curso fez que se tornasse um cardiologista melhor.



EM BREVE, NOVOS HORIZONTES NO TRATAMENTO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL PULMONAR.